

A Contínua Relevância do Trabalho de Antonio Candido

Thayse Leal Lima
(University of Maryland)

Em novembro de 2012 eu estava concluindo minha pesquisa de doutorado, quando Benjamin Abdala Junior (a quem serei eternamente grata) me apresentou ao Professor Antonio Candido. No dia do encontro, fomos recebidos por Candido em seu elegante apartamento no bairro dos Jardins em São Paulo. Conversamos por horas numa sala coberta de livros e ecleticamente decorada por móveis estilo *mid-century*, pinturas modernistas e objetos artesanais e folclóricos. Não deixei de notar que a decoração e seus contrastes dava mostras de alguns dos interesses que ele havia expresso ao longo de sua obra: de um lado a estética moderna do outro a cultura popular, caipira. Candido começou me pedindo desculpas por não poder ceder uma entrevista formal por medo das traições de sua memória, mas reiterou que me contaria o que lembrasse sobre o tema de suas relações com os hispano-americanos, assunto que eu, então, pesquisava. Do alto dos seus 95 anos, no entanto, o professor continuava sagaz, entusiástico e bastante tagarela. Logo de cara, percebi que o roteiro que eu havia preparado para a entrevista seria quase irrelevante. Candido guiou toda a conversa, recriando o ambiente intelectual latino-americano com lucidez e contando até mesmo causos memoráveis sobre alguns personagens da época que eu só revelaria sob promessa de nunca ser citada.

Há, no entanto, uma anedota que eu posso dividir com vocês e que é relevante para o que eu quero sublinhar nessa curta apresentação. Ela é ilustrativa do lugar que o Brasil ocupava ou talvez ainda ocupe no imaginário intelectual hispano-americano e da importância das relações que Candido iria travar com os hispano-americanos a partir da década de 1960. O fato havia ocorrido no Congresso do Columbianum que em 1965 reuniu mais de uma centena de escritores, críticos e intelectuais latino-americanos em Gênova, na Itália. Esse havia sido um dos vários encontros internacionais que procuraram promover a integração cultural do continente. Tendo chegado atrasado ao evento, restou a Candido o papel de substituir Miguel Ángel Asturias na mediação de uma mesa controversa, na qual confrontavam-se a comissão peruana e a argentina. Discreto, Candido não me revelou exatamente qual era o motivo da divergência, mas ao que tudo indica o problema tinha conexões com o tema da discussão, a Unidade Cultural da América Latina. Provavelmente por sua posição neutra, a intervenção acabou sendo benéfica e Candido conseguiu ajudar as duas partes a entrarem num acordo. No documento final que apresentaram à mesa, os participantes reiteraram em uníssono a unidade cultural do continente. Lembro-me que nessa parte do relato Candido assumiu uma expressão séria, buscando imitar de forma zombeteira a sombranceria dos colegas: “La unidad cultural de nuestro continente es indudable: venimos del mismo colonizador, el español, hablamos el mismo idioma, el español, y compartimos la misma tradición literaria, la tradición hispánica”. O documento o deixou, como presidente da mesa, perplexo. Candido relatou assim o seu sentimento: “ Pois esqueceram-se do Brasil.

Vejam vocês é uma coisa exemplar, numa reunião internacional, com gente de grande categoria e com um brasileiro presidindo ...”. Tudo leva a crer que se não fosse pela sua presença no congresso, o país continuaria sendo ignorado.

Fala-se muito do lugar de Candido no rol dos intérpretes do Brasil e também de sua contribuição pra inserir a literatura brasileira numa esfera mundial. Contudo só recentemente começamos a dar maior atenção para a virada perspectiva que ocorreu entre as décadas de 1960 e 1970, quando ele toma parte em vários projetos de integração latino-americana. Ainda assim, é possível dizer que sua participação num diálogo continental marca a passagem da teoria crítica brasileira da fase de ‘formação nacional’ para a fase de integração transnacional.

Mas seu projeto torna-se ainda mais relevante quando nos lembramos que colocar o Brasil em contato com o mundo naquele momento significava colocar o país em dia com o que se passava principalmente nas capitais literárias mundiais. Na contra-mão dessa tendência, Candido e Rama buscaram criar novas rotas de trocas entre as ditas periferias mundiais. Seu projeto era ao mesmo tempo político e literário. O investimento num maior diálogo entre as duas grandes tradições do continente era também uma forma de buscar por intercâmbios simbólicos mais simétricos e equitativos. Não à toa o trabalho intelectual foi realizado em redes de cooperação transnacionais que envolveram vários críticos, ensaístas e tradutores dos dois lados.

O trabalho de Candido segue sendo mais relevante que nunca não apenas para a teoria crítica brasileira e latino-americana, mas eu diria que também para o debate crítico mundial. Sua experiência continental nos obriga a reconsiderar os paradigmas que dominam a teoria literária contemporânea, ainda focada no modelo centro-periferia, ou colonizador e colonizado e menos atenta às relações entre os países do Sul global. Mais importante ainda, essa experiência nos ensina sobre a potencialidade da produção coletiva, do intercâmbio cultural e sobretudo do diálogo e da conversa para o avanço do trabalho intelectual.

REMEMBERING ANTONIO CANDIDO
2018 MLA Convention – New York City
January 6, 2018; 7:15-8:30 PM